



Mulheres na Ciência: 20 retratos

EXPOSIÇÃO Ser cientista é "o prazer da descoberta", é ter "o privilégio de passar os meus dias a satisfazer uma das mais básicas necessidades humanas: a curiosidade", diz Maria Mota. É esta frase que acompanha a sua fotografia na exposição *Mulheres na Ciência*, que foi inaugurada ontem no Pavilhão do Conhecimento para celebrar o Dia Internacional da Mulher e, também, a ciência e as cientistas. São 20 retratos de 20 investigadoras portuguesas, da autoria da fotógrafa Luísa Ferreira. Ao longo do próximo ano, a mostra vai crescer, com mais e mais retratos nas paredes do pavilhão, e dentro de um ano dará origem a um livro. Entre as 20 portuguesas retratadas neste núcleo inicial da exposição estão, além da bióloga Maria Mota, a historiadora Irene Pimentel, a neurocientista Catarina Resende Oliveira, a engenheira microeletrónica Elvira Fortunato, a ecóloga Helena Freitas, a astrónoma Teresa Lago e a imunologista Maria de Sousa.

Portuguesas criam rede para apoiar investigadoras de países lusófonos

Ciência. Associação vai ser lançada em abril, em Lisboa, no Instituto de Higiene e Medicina Tropical. A ideia é promover a formação e a troca de experiências, o trabalho conjunto e a divulgação de financiamentos internacionais

FILOMENA NAVES

Ano e meio depois da ideia inicial de muitas conversas para cá e para lá, a Mulheres STrop – Rede Lusófona de Mulheres nas Ciências da Saúde Tropical está agora prestes a arrancar. A iniciativa é de um grupo de investigadoras do Instituto de Higiene e Medicina Tropical (IHMT) e o objetivo é apoiar as cientistas em início de carreira nos países africanos lusófonos, através de ações de formação, troca de experiências, divulgação de linhas de financiamento internacional ou ainda o desenvolvimento de projetos de investigação conjuntos e a publicação de artigos científicos.

A meta da rede é também a promoção da própria ciência naqueles países, onde as mulheres estão a emergir em maior número na ciência, tal como tem acontecido

nas últimas décadas, aliás, em Portugal, como foi divulgado há dias num relatório da OCDE.

"Vamos fazer o lançamento oficial da rede em Lisboa, durante o 3.º Congresso Nacional de Medicina Tropical e 1.º Congresso Lusófono de Doenças Transmitidas por Vetores, a 20 e 21 de abril", adianta ao DN a especialista em parasitologia e professora do IHMT Isabel Maurício, que é coordenadora da iniciativa. "Aproveitaremos a presença das cientistas dos países africanos em Lisboa para fazer também a primeira a reunião de trabalho da nossa rede", explica Isabel Maurício.

Com quase 30 cientistas na área da saúde tropical já ligadas à Mulheres STrop em Angola, Moçambique, Cabo Verde e, claro, Portugal – há contactos para que se juntem também de São Tomé e Príncipe e da Guiné-Bissau –, a rede tem um

apoio financeiro de 50 mil euros da Fundação Elsevier para os dois primeiros anos, ganho num concurso para projetos deste âmbito, lançado pela fundação em 2013.

"Quando me apercebi do concurso pensei que era uma oportunidade a não perder", conta Isabel Maurício. Não se enganou. Com a colaboração do diretor do IHMT e

1.º Congresso Lusófono de Doenças Transmitidas por Vetores é em abril

de um grupo de investigadoras do mesmo instituto, submeteu a proposta da rede ao concurso da Fundação Elsevier. E ganhou.

Depois foi pôr o projeto de pé,

que agora, à beira do lançamento oficial, já conta com um *site*, através do qual as interessadas podem comunicar, fazer propostas e consultar informações variadas, como a abertura de concursos internacionais para projetos de investigação ou as ações de formação agendadas, incluindo cursos de formação especializada *online* que estão a ser delineados no IHMT.

Para este ano, por exemplo, depois do 1.º Congresso Lusófono de Doenças Transmitidas por Vetores, em abril, em Lisboa, estão previstos também *workshops* em Luanda, na Cidade da Praia e em Maputo nesta área das ciências da saúde tropical.

"A maior parte dos alunos de mestrado e de doutoramento que temos aqui [no Instituto de Higiene e Medicina Tropical], oriundos dos países africanos lusófonos, são mulheres", diz Isabel Maurício, no-

tando que "elas estão mais constringidas do que os seus pares homens pelas vidas familiares. Têm, por exemplo, muito mais dificuldades em sair para o estrangeiro". E essas limitações, sublinha a coordenadora da rede, "acabam por limitar também a própria ciência nos seus países, dado que em geral elas estão em maioria nas profissões nesta área, incluindo na docência nas universidades".

Por isso, promover a formação, a qualidade e um maior número destas profissionais, como pretende a rede Mulheres STrop, é também investir na expansão e na qualidade da ciência nos seus países, como reconhecem e recomendam, aliás, as Nações Unidas ou o World Economic Forum.

"Contamos ainda durante este ano concorrer a projetos de investigação em conjunto, a nível internacional", conclui Isabel Maurício.